

A CHRYSALLIDA

Orgam do Gremio Lyceista Olavo Bilac

REDACTOR CHEFE:--Martins de Oliveira

COLLABORADORES:--Diversos

N. 10

Cuyabá, 15 de Setembro de 1926

ANNO I

COLLEGUISMO

A união faz a força. E para que esta exista no Lyceu é preciso um colleguismo mais franco, mais verdadeiro, mais leal.

Ha aqui uma certa rivalidade entre as classes superiores e inferiores, que se não justifica entre moços que vão trilhando juntos o caminho da nobreza e do engrandecimento moral e intellectual.

Quanto diminuem as fadigas da lucta, quando todos os soldados ao som vibrante do clarim, á frente da mesma bandeira, nella se arremessam chicios de igual patriotismo, unidos pela mesma sêde da victoria!

Nós que tambem batalhamos a rude batalha do ideal, nesta arena—a escola, com está lanca—a penna, com este escudo—o livro; nós precisamos ser unidos por laços de uma affeição intrinseca!

Amigos! O livro nos irmanou!

Porque não havemos, portanto, de nos querermos com mais amor?

As dissidencias nunca foram fecundas e o que dá bons frutos é a harmonia de idéas, de principios e de acções.

Pois bem! Em nome do nosso progresso proprio, nós vos convidamos a que se aprofundem em cada peito as raizes de uma amizade mais dedicada, no soerguimento da nossa camaradagem.

Quando clamamos pelo colleguismo, não vos pedimos que nos unamos para a realização de caprichos futeis, de loucos em

prehendimentos, de inconfessáveis realizações.

Ninguém deverá transigir com o erro. Não somos, por exemplo, obrigados, por principio de camaradagem, a tomar parte em greves, em revoltas, em indisciplinas.

Precisamos de união justamente para a pratica dos melhores ideaes, porque assim, é mais doce e suave a escalada das nossas aspirações.

Quanta vez não nos sentimos acabrunhados ao vermos que o nosso jornalzinho não merece por parte de todos o concurso e o carinho de que tanto necessita!

E essa indifferença pelo nosso Gremio, esse desleixo pelos bons entendimentos? Não é mais do que falta de união de vistas, ausencia de colleguismo, que felizmente não se observa entre todos os alumnos, mas, em verdade, entre a maioria.

Sejamos d'ora avante como as abelhas, bons amigos e intimos camaradas, na fabricação do puro mel da espiritualidade, para a prosperidade da nossa colmêa, para alegria da nossa familia, para enaltecimento da nossa muito amada e estremecida terra!



Atophan, Nutrogenol, Coloca, Nutron, Pilulas Blancard, Izoemol, Xarope thiocol, alcaçus, Emulsão Scott, Antiechymosis Faral, Vinho de Gayacol, Vinho creosotado, Elixir de Inhamme e Nogueira Encontra-se na **Pharmacia Rabello.**

Hallô!

Aa amigo X

Vimos presenciando certos *espectaculos*, que dizem ser resultantes do futurismo tomado em sentido extravagante, como alás extravagante são todos os pontos de vista que têm sido discutidos pelos pregadores da nova doutrina.

As *homenagens* com que lá por fóra recebem as conferencias sobre o futurismo, já bem lhe servem de epitaphios, apesar do grande numero de proselytos que se alistaram nas phalanges destruidoras da arte futurista.

Para que não digam que o futurismo entre nós seja uma letra morta, vamos assignalar uma das suas *bizarras* manifestações, embora sejamos respeitadores das crenças e opiniões alheias.

Eil-a:

Dois jovens cujo paradeiro hoje ignoramos, ha tempo vinham mantendo *deleitantes flirts*, mas o tal namoro soffreu pronuncia da opposição (porquê?) de parte dos paes d'juven, a qual foi tolhida de palestrar com o seu ente querido.

Os dois namorados foram obrigados a occultar as petalas do seu amor, e vimol-os tristes e pensativos, qual exilados que longe do seio da Patria e sem nenhum deleite, por mais que possuia fibras napoleonicas, perde a vida o fulgor.

Passam-se meses, meses de amargor e de crua sorte, porem, os mesmos fados que com a ira e a astucia de Lucifer haviam decepado os grilhões que uniam

aquelles dois corações, agora vinham trazer-lhes a flôr de oliveira, vinham mostrar-lhes o arco-iris que com as suas cores brilhantes despontava no azul do céu, prenunciando a alliança que em breve faria serenar a animosidade que perturbava a marcha do namoro.

Sob a pressão de uma influencia estranha desanuviaram-se os horizontes amorosos e acalmou-se a ira do *velho*, o qual logo depois seria apanhado por um estratagemma engenhoso.

Aproveitando esta maré, o namoro tomou grande adiantamento, chegando ao ponto que exigia a medida competente, porém, o *velho* nada podia resolver porque uma séria preocupação devorava-lhe o cerebro.

Esta preocupação era nada mais, nada menos do que a situação financeira do namorado, o qual fallava em casamento, mas... só confiava no florescimento de certas arvores fructíferas!

Era essa a causa pela qual o *velho* tinha offerecido os seus contras desde o desabrochar dos amores, mas... que fazer?!...

O *velho*, então, chamou a sua filha e lhe expoz as circumstancias embaraçosas, ao que a senhorita, já de seus 23, respondeu: "Isto tudo é facilmente destruido em dois tempos. Eu conheço uma nova arte chamada futurismo e sei que a sua arma é a *cavacção* e o seu fim é a *cavacção*; baseando-se nisto, adeus difficuldades."

Papá, não pense que o futurismo por fazer *cavacções*, procure ruinas para dellas tirar babuagens da antiguidade. O futurismo é *cavador*, (mas não è tatú) e anda á procura de cousas do futuro, isto é, que fazem o futuro. Si eu *cavar* um futuro para o X posso me casar com elle?!"

"Bravo! respondeu o *velho*, si você arranjar o futuro, tudo estará arranjado; antes de você principiar a namorar eu já pensava no futuro."

Durante dois mezes a senhorinha applicou as suas *cavacções*, até que conseguiu da "Associação dos promptos" a promessa de asyiar o seu namorado, porque este só assim poderá viver casado

Com a protecção desse futuro futuro, os dois namorados são hoje nçivos e o proclama está no prelo.

A futura promessa deverá ser cumprida no futuro, portanto o casamento tambem o será no futuro, mas, o noivo já está com o seu futuro presente, pois vive ás custas do futuro sogro, que soffre as consequencia do passado do seu futuro genro.

O *velho* futurista, si não quizer ficar sem futuro não deve esperar o futuro futuro do seu futuro genro, mas, deve tratar de futuramente fazer o seu futuro genro voltar ao tempo passado do seu futuro presente.

Como estão noivado de hoje?..
Que tal?... Será mesmó uma boa nova do futurismo *cavatorio* de seo Marinetti?!...
Setembro de 1926.

N. de C.

As duas irmãs

O velho e rico industrial Jack Hompson resedia na grande metropole norte-americana — New-Yoik, a cidade da luz! Viuvo ha alguns annos, tinha como encanto do seu opulento lar, duas filhas, mimosas, bellas e encantadoras:—Eleonora e Ruth. Ambas frequentavam os mais elegantes clubs, salões e bailes, da alta sociedade newyorkina.

Eleonora tinha 18 annos; e no esplendor da sua mocidade, era extraordinariamente bella.

Os seus grandes olhos azues, sombreados por umas sobrancelhas finas e arqueadas, a sua bocca pequena, os seus labios finos e delicados, os seus dentes alvos e iguaes, o seu colle de uma alvura immaculada, formavam um conjuncto de graça divina.

Uma coisa, porém, vinha a pagar a sua formosura: o orgulho.

Era muito orgulhosa; para os pobres tinha sempre um olhar de desdem, pelo que todos não deixavam de a censurar, até mesmo o velho Jack, seu extremoso pae

Ruth era morena, muito sympathica, de grandes olhos negros bocca pequena como a rubicunda corolla de uma rosa, meigo o seu fallar e muito caridosa.

Eleonora, estava enamorada de Arnaldo, um «dandy» que frequentava os clubs, as casas de jogo, até alta noite, onde gastava todo o seu dinheiro, em busca de aventuras! Ao contrario de Ruth, que correspondia com sinceridade o amor de Roberto, moço de carácter generoso e nobre. Eleonora ia augmentando cada vez mais a sua ardente paixão por Arnaldo; e este, vendo-se em más condições financeiras, resolveu desposala. Não que a amasse; mas, por causa dos milhões que ella possuía. No dia seguinte, partia Arnaldo para uma casa de campo mui distante da cidade, n'uma villa pittoresca em companhia da sua joven consorte, para gozar com mais repouso a sua lua de mel.

Entretanto, Ruth agora sozinha, tinha consolo quando podia trocar palavras com Roberto.

Seu pae, o Sr. Jack não queria o seu casamento. Roberto era um simples *chauffeur*. Mas que importava isso? pensava Ruth.

Amavam-se e isto era o bastante. Além disso Roberto, era um rapaz muito bom, delicado, correcto, de uma familia pobre, mas honrada. Eleonora, sempre desdenhava das maneiras simples de Roberto, e criticava a sua pobreza, o seu viver modesto. Ruth soffria calada para que seu velho pae de nada se quezesse, pois este a adorava e satisfazia todos os seus gostos.

Fazia já 8 mezes que Eleonora partira. Ruth sempre triste raramente sahia de casa, com o seu velho pae que a levava ao theatro, ás corridas e aos jogos.

Mas não podia suportar aquella vida Ella e Roberto amavam-se, e isto seria sufficiente. Podiam ser felizes. E um dia Ruth abandonou a casa paterna, para unir-se áquelle que no mundo era alvo dos seus affectos. Agora, pobres, mas felizes, ella e Roberto, venciam a vida e as asperezas da sorte. Um bêbê, loiro e interessante, veio augmentar a alegria do seu pequenino e modesto lar.

Entretanto, Arnaldo, o esposo de Eleonora, mostrou-se fiel e dedicado somente nos primeiros mezes, depois do seu casamento. Abandonando a villa, logo após partiu para Paris.

UM PASSEIO

*Em um desses momentos de anciedade,
Nas céleres goléras que vagueiam,
No tormentoso mar da mocidade,
A minh'alma e a desillusão passeiam.*

*Vão sombrias, buscando a soledade,
E procuram as brisas que semeiam
A fresquidão no seio da saudade,
E comovidas abraçam-se e pranteiam.*

*Entre sonhos minha alma inda fluctua.
Mas, de repente assusta-se, recua,
Tomada de uma audaz perseverança*

*Tremula, ouve entre as flores que a circula
Uma voz que esta phrase lhe articula:
Oh! vem commigo, chamo-me esperança.*

Celso d'Oliveira.



No meio daquelle buliciosa voltaram-lhe os antigos vicios; o jogo, as orgias... Gastava todo o dinheiro, em companhia de uma bailarina, e maltratava a pobre esposa, fazendo-lhe passar pelos mais rudes sacrificios! Depois, em pouco tempo venduse pobre, abandonou-o. Que dôr soffreu a pobre Eleonora! Despresada no meio daquelle turbilhão não teve remedio, senão regressar ao lar paterno.

Ahi chegando teve ainda um profundo desgosto. Seu velho pae tinha fallecido havia 2 mezes, e o resto da fortuna havia sido entregue a Ruth. Eleonora não gostava de Roberto, e nem apreciava Ruth. Muitas vezes insultava-a. Mas agora, que fazer? Eleonora sentia-se humilhada no seu orgulho. E foi com lagrimas nos olhos, que pediu perdão a sua irmã. Ruth extremamente bondosa perdoou-a.

O orgulho de Eleonora, transformou-se n'uma bondade excessiva. E foi em casa de Roberto, que ella achou abrigo, cercada do carinho e da delicadeza de Ruth.

C. 14—11—25.

Acucena.

Seria incrível o facto doloroso que vou relatar, se não fosse a propria victima que m'o contasse ao ser restituída à liberdade. Ha muitos annos, n'uma formosa collina, perdida por entre os vergeis floridos do mimoso Barbado (riacho) alvejava encantadoramente, por sobre o seu altar e á sombra da natureza, uma casinha pittoresca. Era coberta de formosissimas folhageas e de janellas de lyrios brancos, abertos ás caricias do sol.

Aquella mysteriosa casinha resumia um poema de amor, inundado de luz e de doçura, como resume a aurora da natureza renascente.

Alli habitava um pobre casal, cujas delicias se cifravam n'aquelle encanto divino. Fortes e vigorosos, desempenhavam os mais rudes labores da plantação.

Grande fora a desventura! Um pensamento infame germinou no cerebro de um homem despota e cruel.

Dotado d'um coração de abutre e para satisfazer a sua ambição desemfreada, não

hesitou em troca! o por um miseravel pedaço de ouro.

Sem um queixume soffreu a infamia, entregado a sua casinha áleip a natureza. Em uma manhã friorenta de um céu nublado, sahi a passêar pelas campinas, respirando os primeiros perfumes, e apreciando a belleza das gentis casinhas campestres.

O que tanto me impressionou, foi ao ver a collina, outrora tão florida e habitada por um camponez, desfeita em ruinas.

Um pensamento louco assaltou-me o craneo imprimindo-me pavor. As pombinhas pareciam suspirar n'um assombro horrivel as saudades de um lar extincto. As pedras denegridas pelo tempo faziam crer em cemiterio antigo. Entre canteiro de boninas e mangeronas jazia o frio cadaver da casinha, envolvido n'um céu de neblinas e velado pelos olhares azues das violetas. Ao lado alguns arbutos erguiam os seus braços despidos a orar por uma região já morta.

Triste pela impressão retirei-me, continuando o meu passeio.

Como a sêde me castigasse fui á casa dum camponez, que morava distante.

Como já estivesse fatigado, deixei-me alli ficar, por alguns momentos, sentado na banquetta, que elle me offereceu, conversando com um outro de ares tristes, que se diria um perseguido pela caveira da morte.

Os seus olhos, velados pelas lagrimas e os seus labios torcidos pelas dôres mudas, traduziam soffrimentos ou grande desgraça.

Tentei tirar-lhe o lucto que lhe amortalhava a alma, des-trahindo-o.

Perguntei-lhe a mêdo porque estava tão triste. Pallido, respondeu-me:—vou contar-lhe a minha vida, soluçava a sua voz suave e triste. Ha muitos annos que vivia n'aquelle logar sombrio, do meu suor e lagrimas.

Noite e dia, sem interrupção trabalhava para melhorar a minha situação. Quantas dôres soffridas, quantas lagrimas deramadas!

Sempre divisava no horizonte nesgas de azul, pensando assim em ser recompensado algum dia.

—Os labios tinham-lhe florido.

—Mas o meu sonho de en-

A CHRYSALLIDA

Publicação quinzenal -- Redacção: Rua 1.ª de Marco 20

Preço de um numero: 300 réis.

Trimestre: 1\$500

grandecimento foi fatal. Fui arancado do meu lar pelas ambições humanas.

Nenhum crime me accusa a consciencia nem por acções nem por palavras. Foi então que comprehendí a significação d'aquella collina mysteriosa.

Ambrosio.

Perfil

A. P. F.

Engraxem, leitores, o vosso machinismo encephalico para descobrir qual é o actual perfilado.

Vejam bem, o nosso amigo daqui é bastante conhecido.

Parece, no seu physico, com esse admiravel personagem do grande Cervantes—Sancho Pança, ao passo que no seu intellecto é o perfeito retrato do segundo personagem do renascedor hespanhol—D. Quixote de la Mancha.

O seu ideal principal é fazer renascer a cavallaria anilante, mas, montada em bicycleta.

Como acima disse, o seu physico é tal e qual o de Sanchito com excepção da barriga que devido a sua ainda POUCA E DADE não está bastante desenvolvida, e, que ao contrario do bonacheirão e simplorio campoino galego, traja-se como um legitimo dandy de Mandagás car.

Assim como o ELEGANTE fidalgo de la Mancha, tambem possui a sua Dulcinéa.

Em 1924, fazendo uma viagem a certa visinha cidade encajuou se por uma linda morena.

Premido pela reabertura das aulas, voltou a Paculandia de onde enviou á morena Dulcinéa uma chorosa missiva acompanhada de um soneto (hoje celebre) onde chamava a morena de "loira" e ainda mais de "nacarada"!!!

Amigos nossos pilharam a carta que juntamente com uma CHUVA DE PA'OS foi publi-

cada em certo jornal desta capital.

Louco de paixão quiz "el n-evo hidalgo" crear a BICICLETERIA ANDANTE, fazendo um raid até a cidade natal de sua Dulcinéa

Mais feliz, porém, que o seu homologo, foi obstando pelos seus amigos, de tal fazer.

Actualmente o "meu D. Quixote" banca outra Dulcinéa que lhe rende entradas gratis no Parisien.

Quem será elle?

Filante.

Questões

A velha questão dos quadros da Boa Morte até hoje ainda não teve resposta. Para o proximo numero talvez possamos dizer alguma cousa sobre isto.

Para dar tratos á bola dos quarto annistas, lá vão estas questões «simples, mas complicadas».

—Quantos e quaes são os verbos compostos do verbo *pôr*?

—Qual o maior numero primo até hoje conhecido?

—Quando foram inventados os thermometros, as pistolas, as bayonetas, o telegrapho, a guilhotina e a litographia?

LIVRARIA S. Sebastião

Rua 15 de Agosto 8

E' o estabelecimento que tem sempre em stok todos os livros adoptados no Lyceu Guyabano, na Escola Normal e nos Grupos, bem como os demais artigos escolares

Procurem de preferencia esta Livraria

O saluçar das aves

Ao romper da aurora primaveril, vêm-se ao longe o horizonte coberto de nuvens doiradas resplandecentes como o brilhar da espada nua no campo de batalha. O silencio profundo torna-se perturbado pelos échos dos instrumentos dos trabalhadores e com a voz sonora dos cantores, que acompanhados d'um violão ou duma clarineta, fazem entoar o hymno de amor e de saudade, que desperta a alma sacrosanta da innocencia.

Os passarinhos ainda aninhados, soltam os seus primeiros arrulhos com que saudam o surgir do sol!

O poeta pega da sua penna e começa a contemplar os raios doirados do sol que vêm beijar sua mão de escriptor e dar um adeus áquelle que o contempla! Aqui ou alli, ouve-se o cantar tristonho d'um sabiá, que pousa no galão d'uma roseira tendo os seus olhos vermelhos e semi-errados e o bico entreaberto. Começei desfolhar as primeiras petalas d'uma rosa, que parecia desfallecida.

No ambiente ouvem-se os gemidos das aves que de tão longe parecem que soluçam!

E ao romper da aurora ficamos com o nosso coração embevecido de amor, e o nosso espirito cheio de tanta illusão!

Aristeu Leite de Souza.
(Do 1.º anno).

IRMÃOS MIRAGLIA

Jóias e relógios

Telephone, 244

Rua 13 de Junho 104

Façam suas encomendas na typographia de A. Calháo